

História das mulheres na psicanálise: Sabina Spielrein

Lizandra Nascimento¹

Recebido em: 19/05/2026 Aceito em: 01/07/2026

Resumo

O presente artigo busca promover um resgate crítico, biográfico, histórico e teórico da trajetória de Sabina Spielrein (1885-1942), psicanalista russa e uma das primeiras mulheres a contribuir para o desenvolvimento da psicanálise. A fundamentação metodológica estrutura-se a partir de pesquisa bibliográfica, pautada nos estudos de autores como COSTA e SILVA (2015), bem como nas obras fundamentais de CAROTENUTO (1984), ROUDINESCO e PLON (1998) e VAN DER VEER e VALSINER (2001); Volumes 1 e 2 das Obras completas de SPIELREIN, S., organizada por Renata U. Cromberg (2021). O trabalho analisa como as contribuições de Spielrein foram historicamente secundarizadas nos relatos tradicionais sobre o surgimento do movimento psicanalítico. Internada no Hospital Burghölzli como paciente diagnosticada com histeria grave, Spielrein transitou para a posição de médica, pesquisadora e analista de vanguarda. Analisa-se aqui suas produções, sua tese de doutorado sobre a esquizofrenia (a primeira de orientação psicanalítica), sua elaboração conceitual da destruição como força motriz do devir, que antecipou a pulsão de morte freudiana, além de sua atuação pioneira na psicanálise infantil na Suíça e na União Soviética, onde colaborou com Jean Piaget, Lev Vygotsky e Alexander Luria. Este trabalho busca reposicionar Spielrein não como um elo passivo entre Carl Jung e Sigmund Freud, mas como uma teórica original e transdisciplinar.

Palavras-chave: Sabina Spielrein; Pioneirismo; Pulsão de Morte; Psicanálise; Psicologia Infantil.

History of women in psychoanalysis: Sabina Spielrein

Abstract

The present article seeks to promote a critical, biographical, historical, and theoretical recovery of the trajectory of Sabina Spielrein (1885-1942), a Russian psychoanalyst and one of the first women to contribute to the development of psychoanalysis. The methodological foundation is structured upon bibliographic research, based on the studies of authors such as COSTA and SILVA (2015), as well as

¹ Bacharel em Psicologia, Universidade Positivo. Pós-graduada em Comportamentos de Consumo, Universidade Positivo. Pós-graduada em Gestão da Comunicação Organizacional – FAE. Bacharel em Comunicação Social – Relações Públicas – UniBrasil.

the fundamental works of CAROTENUTO (1984), ROUDINESCO and PLON (1998), and VAN DER VEER and VALSINER (2001), alongside Volumes 1 and 2 of the Complete Works of S. SPIELREIN, organized by Renata U. Cromberg (2021). The paper analyzes how Spielrein's contributions were historically marginalized in traditional accounts regarding the emergence of the psychoanalytic movement. Admitted to the Burghölzli Hospital as a patient diagnosed with severe hysteria, Spielrein transitioned to the role of physician, researcher, and vanguard analyst. This study analyzes her intellectual production, her doctoral thesis on schizophrenia (the first to have a psychoanalytic orientation), her conceptual elaboration of destruction as a driving force of becoming—which anticipated the Freudian death drive—as well as her pioneering role in child psychoanalysis in Switzerland and the Soviet Union, where she collaborated with Jean Piaget, Lev Vygotsky, and Alexander Luria. This work seeks to reposition Spielrein not as a passive link between Carl Jung and Sigmund Freud, but as an original and transdisciplinary theorist.

Keywords: Sabina Spielrein; Pioneering; Death Drive; Psychoanalysis; Child Psychology.

Introdução

A historiografia tradicional da psicanálise tendeu, durante décadas, a cristalizar a narrativa das origens de Sabina Spielrein em torno de um “panteão” predominantemente masculino e da clássica divergência teórica entre Sigmund Freud e Carl Gustav Jung, conforme afirma Roudinesco e Plon (1998). Nesse cenário, a presença feminina foi muitas vezes relegada a segundo plano, como pacientes ou coadjuvantes institucionais, um retrato de apagamento histórico que desafia a posteridade de sua própria imagem e vanguarda.

Contudo, a descoberta, em 1977, dos diários e das correspondências de Sabina Spielrein no porão do Instituto de Psicologia de Genebra forçou uma revisão profunda e radical desse panorama historiográfico, revelando a autonomia e a densidade de sua produção intelectual, conforme estudos de Carotenuto (1984).

Sabina Spielrein não foi apenas uma personagem relevante no cenário afetivo e epistolar estabelecido entre Zurique e Viena; ela emergiu como uma das mentes mais agudas, originais e profícuas da primeira geração de pesquisadores do inconsciente (CAROTENUTO, 1984). Nascida em uma abastada família da elite judaica russa, poliglota e dotada de uma erudição incomum, sua trajetória desafia as fronteiras tradicionais entre a psicose e a genialidade.

Conforme informam Roudinesco e Plon (1998), a transição de Spielrein de uma condição de severo sofrimento psíquico, que culminou em sua internação no renomado Hospital

Burghölzli, para o status de primeira mulher a defender uma tese de doutorado em medicina de base psicanalítica, constitui um dos capítulos mais fascinantes da história da ciência moderna.

Este artigo tem a modesta pretensão de examinar a extensão e o impacto das contribuições teóricas e práticas de Sabina Spielrein. Argumenta-se que suas formulações acerca da destrutividade intrínseca à pulsão sexual, publicadas originalmente em seu ensaio de 1912, antecederam e influenciaram diretamente a posterior virada conceitual freudiana de 1920 rumo à proposição da pulsão de morte (Todestrieb) (FREUD, 2015; SPIELREIN, 2021). Além disso, busca-se lançar luz sobre seu pioneirismo na clínica com crianças e na intersecção entre psicanálise e educação, demonstrando como suas ideias ecoaram nos alicerces da psicologia do desenvolvimento contemporânea, tanto no Ocidente quanto na Rússia pós-revolucionária.

A experiência e dinâmica na clínica com Carl Jung

Para compreender as particularidades dos pensamentos de Spielrein, faz-se necessário analisar, primeiramente, o contexto de seu adoecimento e as peculiaridades do ambiente clínico em que foi acolhida. Em agosto de 1904, aos dezoito anos, Sabina deu entrada no Hospital Psiquiátrico Burghölzli, em Zurique, instituição que, sob a direção de Eugen Bleuler, situava-se na vanguarda da psiquiatria mundial da época (BLEULER, 2013).

Conforme destacam em seus textos Roudinesco e Plon (1998), o hospital diferenciava-se na Europa pela recusa em enxergar o paciente psicótico como um sujeito irrecuperável ou puramente orgânico, buscando, ao contrário, compreender o sentido latente e a simbologia de suas manifestações sintomáticas, ou seja, trabalhava com métodos diferenciados.

O quadro clínico de Spielrein, em sua admissão, era considerado de extrema gravidade (CAROTENUTO, 1984). Complementando, Roudinesco e Plon, também dão um panorama de seu estado clínico:

Manifestavam-se crises agudas de choro, risos convulsivos, tiques, episódios prolongados de isolamento e uma profunda fixação anal combinada com sentimentos persecutórios de inadequação e culpa. Historiadores e analistas concordam que o sofrimento psíquico de Sabina havia se agravado drasticamente após a morte de sua irmã mais nova, Emília, vítima de febre tifoide, evento que desorganizou uma estrutura familiar já profundamente marcada pelo autoritarismo e pela violência física perpetrada pelo pai (ROUDINESCO; PLON, 1998).

Diante de seu quadro, foi designado como seu médico assistente, o jovem Carl Gustav Jung, que decidiu aplicar, pela primeira vez na instituição e de forma sistemática, o

método de tratamento baseado nas descobertas preliminares de Sigmund Freud sobre a histeria e a investigação do inconsciente (JUNG, 2013).

Os registros institucionais e os diários pessoais de Spielrein evidenciam que o tratamento baseou-se primariamente na verbalização e na associação livre, que passavam a ser mediadas pelos inovadores experimentos de associação de palavras que Jung desenvolvia no laboratório de Zurique (JUNG, 2013). A infância de Sabina foi minuciosamente esquadrihada no processo, revelando a complexa e traumática teia de humilhações e excitações sexuais infantis intrinsecamente ligadas aos castigos físicos paternos (CAROTENUTO, 1984). Conforme amplamente documentado na historiografia clínica do movimento psicanalítico: Ela começou a reter as fezes, até o momento em que era obrigada a defecar. Depois, tomou o hábito de se sentar sobre os calcanhares, de modo a fechar o ânus e impedir a defecação até durante duas semanas seguidas (CAROTENUTO *apud* ROUDINESCO; PLON, 1998, p. 725).

A evolução do tratamento e a resposta terapêutica da paciente foram surpreendentemente rápidas. Em menos de um ano, Sabina obteve alta hospitalar do regime de internato, demonstrando não apenas a remissão dos sintomas agudos, mas um despertar intelectual avassalador que chamou a atenção do corpo clínico (BLEULER, 2013). Contudo, o sucesso da cura clínica deu lugar a uma intrincada e tensa dinâmica transferencial e contratransferencial, fartamente documentada na correspondência posterior trocada entre ela e seu médico, Jung (CAROTENUTO, 1984). A relação entre analista e paciente transformou-se em uma ligação amorosa e intelectual que testou, de forma inédita, os limites éticos e técnicos da psicanálise em seu período nascente (ROUDINESCO; PLON, 1998).

Longe de se colocar puramente como um elemento passivo de todo esse experimento clínico, Spielrein utilizou essa intensa e dolorosa experiência afetiva como combustível metodológico para sua própria autocompreensão (CAROTENUTO, 1984). Foi no leito da Clínica, em Burghölzli e no subsequente convívio intelectual com Jung, que nasceram suas primeiras intuições teóricas sobre a indissociabilidade entre o prazer e a dor, a entrega amorosa e a perda da própria individualidade consciente, bases de sua produção conceitual madura.

Defesa da primeira tese psicanalítica e a releitura da esquizofrenia

Após a saída de Sabina do Burghölzli como paciente, ela matriculou-se na Faculdade de Medicina da Universidade de Zurique, estabelecendo sua reintegração social pelo viés da excelência acadêmica (CAROTENUTO, 1984). Em 1911, Spielrein consolidou sua

transição definitiva de objeto de estudo para pesquisadora de vanguarda ao defender sua tese de doutorado intitulada "Sobre o conteúdo psicológico de um caso de esquizofrenia" (*Über den psychologischen Inhalt de eines Falles von Schizophrenia*).

Esse trabalho representou um marco duplo para a história das ciências, pois foi a primeira tese de medicina de orientação explicitamente psicanalítica e o primeiro estudo a aplicar as ferramentas conceituais da psicanálise à compreensão da estrutura psicótica profunda, especificamente a *dementia praecox*, termo que Eugen Bleuler estava redefinindo como "esquizofrenia" (BLEULER, 2013). A pesquisa clínica centrou-se no acompanhamento minucioso de uma paciente internada, identificada nos registros institucionais como "Martha N." (SPIELREIN, 2021).

Diferenciando-se de forma radical da psiquiatria clássica de Emil Kraepelin, que encarava o delírio esquizofrênico como um subproduto mecânico de uma degeneração orgânica cerebral sem sentido intrínseco, Spielrein dedicou-se a decifrar a lógica poética e simbólica das manifestações da paciente, conforme Roudinesco e Plon (1998). Já Carotenuto (1984), complementa, informando que, valendo-se de uma inovadora abordagem filogenética, Sabina estabeleceu paralelos audaciosos entre as produções discursivas da psicose, a estrutura dos mitos universais, os contos de fadas e a linguagem condensada dos sonhos.

Sabina postulou que a esquizofrenia se caracterizava por um conflito dinâmico e central entre duas forças psíquicas antagônicas: a "tendência à diferenciação", responsável pela manutenção da identidade, do Ego e do Eu consciente, e a "tendência à dissolução", que empurrava o sujeito de volta ao mar indiferenciado do inconsciente coletivo e das representações biológicas da espécie. Na ótica de Spielrein (2021), o paciente esquizofrênico sofria de uma hipertrofia da linguagem arcaica e mitológica; o Eu individual era progressivamente engolido por formas de pensamento universais e impessoais. Com essa leitura simbólica, Sabina ofereceu a Freud e a Jung as chaves conceituais fundamentais para que a psicanálise pudesse avançar de forma consistente sobre o território das psicoses, campo até então considerado refratário ao tratamento analítico tradicional (ROUDINESCO; PLON, 1998). Ou seja, sua tese sobre a esquizofrenia foi reconhecida por sua originalidade, na época, e é estudada hoje, como uma importante contribuição para a psicanálise.

A destruição como causa do devir: a antecipação da pulsão de morte

Já integrada como membro ativo na Sociedade Psicanalítica de Viena, em 1912, Sabina Spielrein publicou seu ensaio teórico mais célebre e revolucionário: "A destruição como

causa do vir a ser" (*Die Destruktion als Ursache des Werdens*). Este texto denso, de caráter marcadamente transdisciplinar, articulou biologia evolutiva, filosofia, mitologia e clínica psicanalítica para responder a uma indagação metapsicológica fundamental: por que a pulsão sexual, que teoricamente visa apenas à busca do prazer e à conservação da vida, carrega em si um componente tão denso e persistente de angústia, medo e resistência? (SPIELREIN, 2021).

A resposta teórica de Spielrein foi audaciosa: a pulsão sexual abriga, em seu próprio cerne constitutivo, uma força destrutiva. Para que a criação do novo ocorra no fluxo vital, o antigo deve ser necessariamente desintegrado (SPIELREIN, 2021). Sabina buscou na biologia o seu argumento fundamental, demonstrando que, no ato da reprodução, as células germinativas (o óvulo e o espermatozoide) perdem suas identidades individuais, destruindo-se enquanto unidades isoladas para dar origem a um novo organismo (CAROTENUTO, 1984). O mesmo processo, argumentava ela, ocorria no nível psíquico. A experiência do amor e da fusão sexual exige a dissolução temporária das fronteiras do *Eu*, o que provoca no indivíduo um terror arcaico de aniquilamento e perda de si (ROUDINESCO; PLON, 1998).

Para Spielrein:

(...) o ser humano não se caracteriza como um bloco monolítico, mas sim como um "divíduo" (um ser intrinsecamente dividido em sua estrutura pulsional). Seu trabalho buscou demonstrar que a pulsão de reprodução é biologicamente composta por duas correntes antagônicas, sendo, portanto, uma pulsão de vida tanto quanto uma pulsão de destruição (SPIELREIN, 2021).

Esta postulação de uma força destrutiva inerente ao psiquismo bateu de frente, inicialmente, com o otimismo pansexualista de Sigmund Freud, que na época reduzia a dinâmica pulsional estritamente à busca do prazer e à afirmação da libido positiva (FREUD, 2015). Conforme documentado por Carotenuto (1984), Freud demonstrou forte resistência em aceitar as teses de Spielrein, classificando-as em suas correspondências como especulações excessivamente metafísicas ou subprodutos dos complexos conflitos pessoais dela com Jung.

Contudo, o impacto clínico devastador da Primeira Guerra Mundial e as subsequentes perdas pessoais forçaram Freud a reformular radicalmente seu arcabouço teórico em 1920, na obra *Além do Princípio do Prazer*, conforme nos mostra Roudinesco e Plon (1998). Ao introduzir formalmente o conceito metapsicológico de Pulsão de Morte (*Todestrieb*), Freud (2015) admitiu, em uma célebre nota de rodapé, que Sabina Spielrein havia antecipado aquela exata discussão anos antes, embora justificasse que ele próprio chegara àquela conclusão por

vias clínicas distintas. A análise contemporânea reconhece que o texto original de Spielrein (2021) forneceu a estrutura conceitual que permitiu à psicanálise pensar a agressividade e a destrutividade não como meras reações à frustração, mas como forças constituintes da condição humana. Ou seja, sua tese, apesar de não ter sido ‘aceita’ de forma imediata, formulou conceitos originais e pioneiros.

O pioneirismo na psicanálise infantil e a influência sobre Jean Piaget

Após o período passado na Áustria, Spielrein mudou-se para a Suíça e, posteriormente, para Genebra, onde atuou de forma expressiva no renomado Instituto Jean-Jacques Rousseau entre os anos de 1920 e 1923 (CAROTENUTO, 1984). Foi nessa fase que ela consolidou sua atuação na clínica infantil, tornando-se uma das primeiras analistas a se dedicar sistematicamente ao atendimento de crianças, antes mesmo dos debates históricos e técnicos travados posteriormente entre Anna Freud e Melanie Klein (ROUDINESCO; PLON, 1998).

Spielrein (2021) defendia vigorosamente que a mente infantil não podia ser acessada pelas mesmas vias da associação livre puramente verbal utilizadas com pacientes adultos. Ela foi pioneira na introdução do lúdico, da observação minuciosa do brincar livre, do desenho e da análise da fala espontânea como ferramentas fundamentais de acesso ao inconsciente da criança (SPIELREIN, 2021). Sabina compreendeu que a criança utiliza metáforas visuais e ações corporais para elaborar seus conflitos internos, traumas em desenvolvimento e teorias sexuais infantis primitivas (CAROTENUTO, 1984).

Durante sua estada em Genebra, Spielrein desempenhou um papel crucial, embora frequentemente obscurecido pela historiografia oficial, na transição intelectual do jovem biólogo e filósofo Jean Piaget para o campo da psicologia da criança (ROUDINESCO; PLON, 1998). Entre 1920 e 1921, por um período de aproximadamente oito meses, Piaget submeteu-se a uma análise didática diária com Spielrein, realizando sessões de três a quatro vezes por semana (CAROTENUTO, 1984). O interesse inicial de Piaget pela psicanálise justificava-se pelo seu desejo de compreender os mecanismos subjacentes do pensamento simbólico e místico, buscando uma ponte entre o desenvolvimento biológico e os processos mentais profundos (ROUDINESCO; PLON, 1998).

Essa imersão na dinâmica analítica funcionou menos como um tratamento de remissão sintomática e mais como um laboratório de intensa interlocução teórica (CAROTENUTO, 1984). Em seus diários e cadernos de notas, Spielrein registrou o brilhantismo lógico de seu analisando, mas também apontou o que considerava uma forte

resistência intelectual de Piaget em aceitar a primazia das forças afetivas e sexuais do inconsciente sobre a cognição pura (SPIELREIN, 2021). Apesar dessas divergências de base, as discussões clínicas travadas no consultório de Sabina moldaram diretamente as primeiras grandes obras de Piaget, como *A Linguagem e o Pensamento na Criança*, publicada em 1923 (ROUDINESCO; PLON, 1998).

A influência de Spielrein sobre o arcabouço conceitual piagetiano nascente é fortemente identificado na transposição de termos metapsicológicos para a psicologia genética. Foi através de Spielrein (2021) que Piaget apropriou-se do conceito freudiano de "pensamento autista", redefinido por Sabina como uma manifestação arcaica, filogenética e imagética do psiquismo, utilizando-o como base para formular sua famosa teoria sobre o "pensamento egocêntrico" da criança (CAROTENUTO, 1984). A transição da linguagem autista (centrada no próprio sujeito e nas suas fantasias inconscientes) para a linguagem socializada (mediada pela lógica e pelo princípio da realidade) reflete diretamente as teses que Spielrein desenvolvia sobre as leis do pensamento infantil (SPIELREIN, 2021).

O ápice desse intercâmbio deu-se em 1922, durante o VII Congresso Internacional de Psicanálise em Berlim, onde ambos estiveram presentes. Na ocasião, impulsionado pelo ambiente genebrino e pelas provocações clínicas de sua analista, Piaget apresentou um trabalho pioneiro sobre o pensamento da criança, demonstrando forte inclinação pela investigação do simbolismo inconsciente, segundo Roudinesco e Plon (1998).

Contudo, ao encerrar sua análise e consolidar sua carreira no Instituto Rousseau, Piaget distanciou-se progressivamente da “ortodoxia psicanalítica”, direcionando suas pesquisas para o estruturalismo, a epistemologia genética e a lógica formal (CAROTENUTO, 1984). Em suas autobiografias posteriores, Piaget tendeu a minimizar o impacto e a duração de sua análise com Spielrein, descrevendo-a de forma genérica ou omitindo o nome de sua analista, conforme informa os autores Roudinesco e Plon (1998).

Mas, a análise historiográfica contemporânea, no entanto, resgata essa relação como um elo perdido fundamental: enquanto Piaget investigava a inteligência sob a ótica do desenvolvimento cognitivo e da maturação das estruturas lógicas, Spielrein (2021) insistia que o substrato afetivo e inconsciente subjaz à formação de cada símbolo, demonstrando que a cognição e a afetividade caminham de forma indissociável no desenvolvimento humano. De modo que o pensamento lógico piagetiano nada mais era do que o resultado final de uma complexa elaboração de forças pulsionais primitivas que o jovem Jean Piaget experienciou em seu próprio processo analítico (CAROTENUTO, 1984).

Como verificamos, Piaget foi mais um grande estudioso que trocou, aprendeu com Sabina, foi atendido por ela, e muito influenciado por seus pensamentos, mas não lhe deu os devidos créditos em suas teorias e publicações.

O retorno à União Soviética: o trabalho com Vygotsky e no Berçário Branco

Em 1923, atraída pelas promessas de transformação social e pela efervescência cultural dos primeiros anos da Revolução Russa, Sabina Spielrein decidiu retornar à sua terra natal (CAROTENUTO, 1984). O ambiente intelectual soviético da década de 1920 era marcado por um desejo vanguardista de fundir o materialismo histórico com a psicanálise, buscando criar o "novo homem soviético" livre das amarras e neuroses da sociedade burguesa tradicional (VAN DER VEER; VALSINER, 2001).

Estabelecendo-se inicialmente em Moscou, Spielrein assumiu um papel de liderança científica destacado. Ela integrou a Sociedade Psicanalítica Russa e uniu forças com duas das mentes mais brilhantes da psicologia soviética: Lev Vygotsky e Alexander Luria (VAN DER VEER; VALSINER, 2001). Juntos, os três pesquisadores debruçaram-se sobre a complexa intersecção entre a aquisição da linguagem, as funções cognitivas superiores e o desenvolvimento emocional da criança (SPIELREIN, 2021).

Sabina publicou 37 artigos em alemão, francês e russo. E após sua ‘re-descoberta’, inúmeros artigos, livros e dissertações têm sido publicados em diversos idiomas, incluindo português, inglês e alemão, em universidades e revistas especializadas em psicologia e psicanálise ao redor do mundo. Ela conseguiu também conectar a psicanálise com outras áreas como neurologia, linguística e neurociência, em uma abordagem inovadora e transdisciplinar. O ápice dessa colaboração interdisciplinar deu-se no Laboratório Psicológico Estatal-Instituto Psicanalítico e, especificamente, no "Berçário Branco" (*Detski Dom*), recebeu esse nome devido à estética do edifício onde funcionava, tanto as paredes internas quanto os móveis da instituição eram pintados inteiramente de branco. Esta instituição consistia em uma creche e escola experimental vanguardista destinada a filhos de operários e de membros da liderança bolchevique (ROUDINESCO; PLON, 1998). Conforme explicitado pela historiografia do período (VAN DER VEER; VALSINER, 2001), o Berçário Branco baseava-se em princípios pedagógicos e clínicos revolucionários para a época, como a abolição completa de qualquer forma de punição corporal ou autoritarismo vertical pedagógico; o estímulo absoluto à autonomia, à expressão artística e à curiosidade sexual natural das crianças; o monitoramento

clínico constante por parte dos analistas para compreender como as mudanças no ambiente social impactavam a estrutura do inconsciente infantil, complementa os autores.

Spielrein (2021) aplicou no Berçário Branco suas teorias autorais sobre a fala infantil, defendendo que a educação de vanguarda deveria se estruturar a partir do afeto e da escuta clínica, e não da repressão institucionalizada. No entanto, o experimento teve vida curta devido às guinadas políticas totalitárias. Com a ascensão de Joseph Stalin ao poder no final da década de 1920, a psicanálise foi rotulada oficialmente como uma "ciência burguesa, decadente e idealista", incompatível com o materialismo histórico oficial (VAN DER VEER; VALSINER, 2001). Como consequência direta, o Berçário Branco foi fechado, a Sociedade Psicanalítica foi sumariamente dissolvida e a prática da análise foi criminalizada em território soviético (ROUDINESCO; PLON, 1998).

O isolamento em Rostov, fim trágico e o legado

Com o fechamento compulsório dos espaços institucionais em Moscou, conforme informa Carotenuto (1984), Sabina Spielrein viu-se forçada a retornar à sua cidade natal, Rostov-on-Don. Privada de exercer abertamente a psicanálise, ela sobreviveu trabalhando como médica pediatra, psicóloga escolar e clínica geral em hospitais locais, mantendo uma postura estritamente discreta para proteger sua família das “purgas stalinistas” ou “grande expurgo”, que dizimaram grande parte da *intelligentsia* russa, incluindo seus três irmãos acadêmicos: Jan, Isaac e Emil (SPIELREIN, 2021).

A despeito do isolamento geopolítico e da constante vigilância estatal, Spielrein nunca abandonou por completo suas investigações científicas, atendendo pacientes de forma clandestina e continuando suas profundas reflexões sobre a psicologia infantil em cadernos privados (CAROTENUTO, 1984). Contudo, o golpe final sobre sua existência não veio do regime soviético, mas da barbárie nazista durante a Segunda Guerra Mundial (ROUDINESCO; PLON, 1998).

Em agosto de 1942, durante a segunda ocupação alemã da cidade de Rostov, as tropas de extermínio da ‘SS’ iniciaram o massacre em massa da população judaica local. Sabina Spielrein e suas duas filhas, Renata Scheftel (28) e Eva Scheftel (18), foram presas e conduzidas, junto a milhares de outros judeus, para a sinagoga da cidade e, posteriormente, para a ravina de Zmievskaia Balka, onde foram brutalmente assassinadas a tiros (CAROTENUTO, 1984). Seus arquivos pessoais remanescentes, manuscritos inéditos e correspondências

guardados em Rostov foram queimados ou completamente dispersados pela guerra (SPIELREIN, 2021).

Durante mais de três décadas, o nome de Sabina Spielrein foi virtualmente apagado da história oficial da psicologia e da psicanálise. Ela sobreviveu apenas como uma nota de rodapé esquecida nos textos de Freud ou como um caso clínico anônimo na biografia de Jung (ROUDINESCO; PLON, 1998). Foi somente com a descoberta acidental de seus escritos em Genebra, pelo analista italiano Aldo Carotenuto na década de 1970, que o mundo, efetivamente, tomou consciência da magnitude, brilhantismo e autonomia de seu pensamento. Seus diários revelaram uma mulher de coragem intelectual ímpar, que conseguiu articular articuladamente os seus próprios fantasmas psicóticos para construir uma das teorias mais profundas sobre a destrutividade e a criação humana, conforme descreveu Carotenuto (1984).

Considerações finais

A recuperação da trajetória e da obra de Sabina Spielrein cumpre um papel que vai muito além da mera reparação histórica dessa grande estudiosa. Sua produção intelectual demonstra que ela foi uma teórica importantíssima, cujas ideias inovadoras, pioneiras, foram de grande relevância para a Psicanálise. Suas teses foram brilhantes e continuam extraordinariamente valiosas para a história da Psicanálise, como a de que a destruição é a causa indutora do devir, permanecendo como um constructo filosófico potente, essencial para a compreensão de fenômenos contemporâneos ligados ao trauma, à agressividade coletiva e aos processos de criação artística; ou seus trabalhos com a Psicologia infantil; também o importante ‘olhar’ que deu para os estudos da esquizofrenia; entre outros.

Ao resgatar seu último desejo manifesto em seus diários, o de que seus achados servissem para o avanço do conhecimento humano e que ‘sua memória fosse preservada sob a sombra de um carvalho’ (SPIELREIN, 2021), a história faz um pouco de justiça a uma de suas pioneiras mais notáveis. Sua voz, embora sistematicamente silenciada pela tragédia física da guerra, pela misoginia acadêmica da época e pela dolorosa falta de citações e créditos por parte de grandes autores como Freud, Jung e Piaget, recusa-se a desaparecer. Ela continua a ecoar com força e nitidez nas profundezas do entendimento do psiquismo humano, personificada na figura de uma mulher que ousou ser pioneira.

Ter a honra de pesquisar e escrever sobre Sabina, foi um processo muito profundo e satisfatório. Estudar sua trajetória não se limitou a um mero exercício de levantamento bibliográfico, foi um mergulho íntimo na alma de uma intelectual que soube transformar o

próprio sofrimento e a incompreensão em um legado de vanguarda. Perceber como seu nome foi negligenciado pelos mesmos gigantes teóricos que se alimentaram de suas intuições geniais, provocou-me uma profunda análise, de reflexão sobre o apagamento das mulheres na ciência, nas pesquisas, sendo invisibilizadas sistematicamente, ao longo dos anos.

Sabina Spielrein deixou de ser, após essa pesquisa, uma simples nota de rodapé, ou a que ‘se envolveu com Jung’, ou uma ‘coadjuvante’ na biografia de homens ilustres como Freud e Piaget; ela revelou-se uma presença indispensável, forte, potente, de grande relevância para a Psicanálise, cuja história mostra que a paixão pelo saber, pela sua verdade, seus estudos e pesquisas dessa mulher tão plural, pode resistir até mesmo ao silêncio do tempo e dessa estrutura patriarcal tão violenta, que ainda predomina no mundo. Ainda há muito a aprender com e sobre SABINA SPIELREIN.

Últimos desejos

“Quando eu morrer, permito que embalsamem minha cabeça, contanto que não tenha um aspecto muito feio. O jovem não pode estar presente durante a operação. Apenas os estudantes mais esforçados poderão assistir.

Deixo meu crânio para nosso colégio, para que o coloquem na caixa de vidro e a decorem com flores perenes. Que escrevam o seguinte na caixa [russo] “Que brinque a jovem vida à entrada do túmulo, e que a natureza indiferente brilhe com sua glória infinita”. Também lhes cedo o meu cérebro; que seja conservado em um recipiente bonito e ornado e que se escrevam as mesmas palavras sobre ele.

O corpo deve ser cremado, mas ninguém deve estar presente. As cinzas devem ser divididas em três partes. Uma parte deve ser colocada em uma urna e enviada para casa; a segunda deve ser espalhada na terra, no meio de um imenso campo (perto de casa); lá deve ser plantado um carvalho com a inscrição: “EU TAMBÉM FUI UM SER HUMANO. MEU NOME ERA SABINA SPIELREIN”. Quanto à terceira parte, meu irmão lhes dirá.”

Obras Completas de Sabina Vol.I (SPIELREIN, 2021, p.57).

Referências

BLEULER, E. *Dementia praecox ou grupo das esquizofrenias*. Tradução de Cláudia Berliner. Rio de Janeiro: Zagodoni, 2013.

COSTA, Jordelma Veloso; SILVA, Alderon Marques Cantanhede. América Latina: Sabina Spielrein, Jung, Freud e a psicanálise. *Revista América Latina*, 4 mar. 2015.

CAROTENUTO, A. *Diário de uma secreta simetria: Sabina Spielrein entre Jung e Freud*. Tradução de Varlei de Sousa. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1984.

FREUD, S. Além do princípio do prazer (1920). In: *Análise da fobia de um garoto de cinco anos e outros textos*. Tradução de Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2015. (Obras completas, v. 14).

INTERNATIONAL ASSOCIATION FOR SPIELREIN STUDIES. *Home page*. [2026]. Disponível em: <https://www.spielreinassociation.org/>. Acesso em: 16 maio 2026.

JUNG, C. G. *O desenvolvimento da personalidade*. Tradução de Frei Valdemar do Amaral. Petrópolis: Vozes, 2013. (Obras completas de C. G. Jung, v. 17).

ROUDINESCO, E.; PLON, M. *Dicionário de psicanálise*. Tradução de Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Zahar, 1998.

SPIELREIN, S. *Uma pioneira da psicanálise: obras completas – volume 1*. Organização de Renata Udler Cromberg. 2. ed. São Paulo: Perspectiva, 2021.

SPIELREIN, S. *Uma pioneira da psicanálise: obras completas – volume 2*. Organização de Renata Udler Cromberg. São Paulo: Edgard Blücher, 2021.

UM método perigoso. Direção: David Cronenberg. Reino Unido; Alemanha; Canadá: Recorded Picture Company, 2011. 1 filme (99 min).

VAN DER VEER, R.; VALSINER, J. *Vygotsky: uma síntese*. Tradução de Leda Schacht. São Paulo: Loyola, 2001.